

Apresentação:
Argumentação e contraposição dialógica nos campos
político, midiático-digital e didático

Lucas Nascimento (UEFS)¹
Luciano Novaes Vidon (UFES)²
Maria Inês Batista C. Noel Ribeiro (USP)³

Tudo na vida é diálogo, ou seja, contraposição dialógica.
(Mikhail Bakhtin, **Problemas da poética de Dostoiévski** [1963] 2015, p.49).

Relações dialógicas. Essas relações são profundamente originais e não podem se reduzir a relações lógicas, ou linguísticas, ou psicológicas, ou mecânicas ou a quaisquer outras relações naturais.
(Mikhail Bakhtin, **O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas**: um experimento de análise filosófica, In: **Os gêneros do discurso**, 2016, p. 101).

Neste número temático da Revista (Con)Textos Linguísticos, apresentamos o Dossiê intitulado **Dialogismo e argumentação**. O objetivo é destacar a importância do tema da argumentação em diferentes campos sócio-ideológicos como o político, o midiático-digital e o didático. Certamente, esses campos se entrecruzam, conectam-se, e, muitas vezes, é difícil separá-los de forma tão rígida. Melhor considerá-los em suas interfaces, entre si e com outros campos discursivos, como o publicitário, o jornalístico e o artístico.

Sob a perspectiva enunciativo-discursiva, nos seus aspectos teórico-metodológicos e pedagógicos, o leitor encontra artigos com análises de textos dos gêneros do discurso político, publicitário, jornalístico, midiático-digital, literário e didático-pedagógico, tais como charges políticas, videocast, pronunciamentos políticos, notas de repúdio, HQs, artigo de opinião, filmes, séries, storytelling publicitário, interações polêmicas e sensíveis, livro didático e microcontos.

O importante conjunto teórico na perspectiva bakhtiniana constitui-se a partir da noção de relações dialógicas, evidenciando que as relações da vida humana se formam nas e pelas interações sociais de natureza argumentativa. Para Bakhtin, as relações dialógicas são movimentos mais amplos do que aquelas estabelecidas entre as réplicas de uma conversa imediata; trata-se de um “fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância” (2015, p. 47).

¹ Universidade Estadual de Feira de Santana. Departamento de Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Feira de Santana, Bahia, Brasil. Endereço Eletrônico: Insilva2@ufes.br

² Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: luciano.vidon@ufes.br

³ Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, São Paulo, SP, Brasil. Endereço eletrônico: maricamp@usp.br

É essa concepção que sustenta a tese da dialogicidade constitutiva de todo enunciado. O diálogo não se estabelece entre unidades linguísticas abstratas, como orações ou frases isoladas, mas entre sujeitos socialmente situados, implicados em uma relação responsiva. Desse modo, o diálogo não pode ser apreendido como um fenômeno exclusivamente linguístico: ele ultrapassa os limites formais da língua e se inscreve no domínio das relações sociais concretas, nas quais valores, posições axiológicas e orientações argumentativas se confrontam.

A reflexão sistemática sobre a argumentação encontra, historicamente, suas bases na retórica antiga, sobretudo a partir de Aristóteles, para quem a *tékhne rhetoriké* não se configurava como um mero repertório de expedientes persuasivos, mas como um modo específico de racionalidade voltado à investigação do verossímil e do razoável em situações marcadas pela ausência de certeza demonstrativa. Ao conceber a retórica como a capacidade de discernir, em cada caso, os meios de persuasão disponíveis, Aristóteles a situou como contraparte da dialética e como prática indispensável à vida política, jurídica e deliberativa, isto é, aos domínios em que o dissenso, a pluralidade de valores e a negociação de sentidos são constitutivos. Nesse horizonte, a argumentação afirma-se como forma legítima de racionalidade prática, fundada não na evidência apodítica, mas na adesão do auditório a razões compartilháveis, ancoradas na *doxa* e historicamente situadas.

Com o advento da modernidade, contudo, essa concepção ampla e plural da racionalidade argumentativa foi progressivamente marginalizada. O fortalecimento do racionalismo cartesiano, do empirismo e, posteriormente, do positivismo científico contribuiu para o descrédito da retórica, associada ora à manipulação das paixões, ora à ornamentação vazia do discurso. Ao privilegiar modelos de verdade baseados na demonstração lógica ou na verificação empírica, o pensamento moderno relegou ao segundo plano os saberes do provável, do controverso e do opinável, produzindo uma cisão duradoura entre razão e persuasão. Ainda que a retórica jamais tenha desaparecido das práticas discursivas - permanecendo ativa na política, no direito, na literatura e na vida cotidiana -, ela perdeu, por longos períodos, seu estatuto epistemológico e seu lugar explícito na reflexão filosófica e linguística.

Nesse contexto, a partir de meados do século XX, a Nova Retórica, proposta por Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca ([1958] 2005), desempenha papel decisivo no reavivamento dos estudos argumentativos. Ao recolocar no centro da reflexão a noção de razoável e ao afirmar que o campo da argumentação é o do verossímil, do plausível e do discutível, essa perspectiva rompe tanto com o exclusivismo da lógica formal quanto com a desqualificação moderna da retórica. A argumentação passa, então, a ser compreendida como prática discursiva situada, orientada à adesão, à justificação de juízos de valor e à negociação de desacordos em contextos sócio-históricos concretos. Esse movimento não apenas restitui a legitimidade da racionalidade retórico-argumentativa, como também abre caminho para sua articulação fecunda com abordagens contemporâneas da linguagem, do

discurso e do dialogismo, horizonte no qual se inscrevem os trabalhos reunidos neste dossiê.

Sob a perspectiva do Círculo de Bakhtin, a argumentação não se constitui como um domínio técnico autônomo, tampouco como um conjunto de procedimentos formais orientados à vitória discursiva, mas como uma dimensão constitutiva de toda interação verbal socialmente situada. Todo enunciado, afirma Bakhtin, é produzido em função de um outro, real ou presumido, uma vez que “a consideração do destinatário e a antecipação de sua atitude responsiva são elementos constitutivos do enunciado” (Bakhtin, 2006a, p. 302). Desse modo, argumentar equivale a tomar posição no interior de uma cadeia ininterrupta de enunciados concretos, respondendo a vozes anteriores e antecipando respostas futuras, ainda que estas não se realizem de forma explícita. A argumentatividade do discurso manifesta-se, assim, não apenas na defesa direta de uma tese, mas na escolha do tema, na organização composicional, no estilo e na seleção dos recursos linguísticos, todos atravessados por uma avaliação axiológica. Como o próprio Bakhtin destaca, “só o enunciado pode ser verdadeiro (ou não verdadeiro), correto (ou falso), belo, justo” (Bakhtin, 2006b, p. 329), o que evidencia que a argumentação, nesse quadro, é inseparável do posicionamento valorativo do sujeito no mundo social.

Essa concepção aproxima o pensamento bakhtiniano da tradição retórica, ainda que por vias não instrumentais, conforme demonstra Pistori (2013), ao defender a possibilidade de um diálogo produtivo entre a retórica clássica e a teoria do discurso do Círculo. Tal aproximação se torna visível, por exemplo, na centralidade conferida ao endereçamento, à resposta do outro e à situação concreta de enunciação - elementos que também estruturam a retórica antiga, voltada para decisões deliberativas, judiciais e epidícticas. Ao mesmo tempo, Bakhtin afasta-se de uma concepção normativa da retórica ao recusar a ideia de uma língua “ptolomaica”, única e estável, ressaltando, ao contrário, o papel do plurilinguismo e da heteroglossia na constituição dos sentidos. Ainda assim, como lembra o próprio Bakhtin em *O discurso no romance*, a retórica “durante séculos regeu toda a arte literária em prosa” (Bakhtin, 1993, p. 78), possuindo grande valor heurístico para a compreensão das formas discursivas. Nesse sentido, a argumentação, sob a concepção bakhtiniana, pode ser compreendida como uma prática discursiva ética e responsiva, na qual o sujeito assume sua palavra como ato responsável, intervindo no espaço social não para eliminar o dissenso, mas para habitá-lo, negociando sentidos em um campo atravessado por conflitos ideológicos e disputas de valor.

Nesse sentido, têm se intensificado, no contexto brasileiro, os diálogos entre dialogismo e argumentação, evidenciando a necessidade de um encontro mais sistemático entre as teorias da argumentação e os estudos bakhtinianos. Cada vez mais, pesquisadores reconhecem que a compreensão dos processos argumentativos se enriquece quando considerada à luz da concepção de linguagem como prática social responsiva, historicamente situada e axiologicamente orientada. Esses diálogos vêm se desdobrando,

de modo geral, em dois eixos distintos, ainda que complementares: de um lado, a análise da argumentação em diferentes gêneros e esferas da atividade humana; de outro, o ensino da argumentação, com atenção especial às práticas escolares e formativas. Nesse primeiro eixo, destacam-se contribuições que articulam explicitamente dialogismo e argumentação, como os trabalhos de Maria Helena Pistori (2010; 2014; 2016), Luiz Fiorin (2015; 2016), Lucas Nascimento (2018; 2019), Wander Emediato (2022), que destacam o caráter situado, ético e responsivo do argumentar, em oposição a abordagens meramente procedimentais ou normativas.

No campo do ensino, em particular, diversos estudos têm promovido esse encontro teórico com foco na formação do sujeito argumentador, compreendido não como mero aplicador de técnicas, mas como participante ativo de práticas discursivas socialmente relevantes. Pesquisas como as de Leitão (2011), Vidon (2003; 2018; 2024a; 2024b), Azevedo (2016; 2023), Ribeiro e Mitsunari (2024), entre outras, evidenciam como a articulação entre dialogismo e argumentação permite repensar o ensino da linguagem a partir da responsividade, da avaliação e da alteridade, favorecendo práticas pedagógicas que reconhecem o conflito de vozes e a negociação de sentidos como constitutivos do processo educativo. Nesse horizonte, os trabalhos reunidos neste dossiê se inserem, explorando, sob diferentes enfoques teórico-metodológicos, diálogos, aproximações e tensões entre argumentação e dialogismo.

A produção deste número envolve 23 docentes de Programas de Pós-Graduação, egressos, graduandos, mestrandos, doutorandos, de diferentes universidades brasileiras: Universidade Federal de Goiás, Universidade Estadual de Feira de Santana, Universidade de Taubaté, Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Federal do Mato Grosso, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Universidade do Estado do Pará e Universidade Federal de Sergipe.

Na proposta de cada um dos quinze artigos, seus autores escolhem temas que podem ser reunidos em discurso político, discurso midiático-digital e didático.

Abrimos com o artigo de Hugo Fernando da Silva Nascimento e Erivaldo Pereira do Nascimento, em *Os diferentes pontos de vista evocados em textos sobre as eleições presidenciais de 2018: a polifonia de enunciadores em charges políticas*. Os autores investigam o funcionamento da argumentação no gênero charge a partir da Semântica Argumentativa de Ducrot, enfatizando o papel da polifonia de enunciadores na construção dos efeitos de sentido. O estudo analisa charges veiculadas durante o período eleitoral de 2018, demonstrando como o locutor-chargista mobiliza diferentes pontos de vista enunciativos para orientar a interpretação do leitor e disputar sua adesão. Os resultados indicam que a polifonia é ativada principalmente por enunciados negativos, operadores argumentativos e mecanismos de pressuposição, configurando a charge como um espaço

de confronto discursivo e avaliação ideológica. Ao evidenciar que a argumentação se realiza na própria materialidade linguística e visual do texto, o artigo reafirma a charge como gênero dialógico por excelência, no qual vozes sociais conflitantes são encenadas, hierarquizadas e frequentemente ironizadas, tornando a linguagem um instrumento central de crítica política e intervenção no debate público.

Em *A proposta da criação de um partido nazista no Brasil em videocast: uma análise dialógica da situação argumentativa*, Paulo Silva propõe uma Análise Dialógica do Discurso (ADD) de um episódio do Flow Podcast, no qual o apresentador Monark sugere a criação de um partido nazista no Brasil, gerando forte reação da deputada Tábata Amaral. O foco da análise consistiu em compreender como se constroem os argumentos dos participantes, considerando a relação dialógica entre locutor, interlocutor e público. Os resultados mostraram que Monark incorporou em seu discurso vozes autoritárias e preconceituosas, enquanto Tábata reinscreveu a alteridade como valor ético-discursivo. Estratégias de coisificação, negação, extremização e disputa por adesão do público, configuraram o videocast em questão como arena dialógica de circulação de discursos de ódio e resistência.

Já Wilder Kleber Fernandes de Santana, em *Vozes em confronto: Erika Hilton, o casamento gay e a desterritorialização de discursos niilistas no Parlamento*, investigou os posicionamentos axiológicos da Deputada Erika Hilton (Psol) na Câmara dos Deputados, enfatizando sua atuação como força discursiva que desterritorializa discursos niilistas e conservadores hegemônicos - especialmente os enraizados no fundamentalismo cristão. Ao reacentuar ideologias que negam a existência e os direitos da população LGBTQIAPN+, Hilton rompe com pactos velados de exclusão e insere no espaço institucional um discurso politicamente performativo que reivindica o direito ao casamento gay. Os resultados evidenciam como sua presença discursiva reconfigura os sentidos estabilizados da velha política, instaurando uma ética da responsabilidade e da alteridade. Ao desestabilizar enunciados normativos de apagamento, silenciamento e extermínio de corpos infames, Hilton constrói um horizonte político inclusivo, reafirmando a linguagem como território de disputa e transformação social.

Em *Notas de repúdio em defesa da ciência: especificidades discursivas e valorativas*, Thiago Jorge Ferreira Santos e Maria Inês Batista C. Noel Ribeiro analisam, sob a perspectiva da teoria dialógica da linguagem, o funcionamento axiológico de três notas de repúdio de 2022, emitidas por entidades científicas brasileiras em reação aos cortes orçamentários promovidos pelo governo federal por meio da Medida Provisória nº 1136/2022. Partindo dos pressupostos de Bakhtin e Volóchinov, e dialogando criticamente com a filosofia dos valores de Heinrich Rickert, o artigo investiga como o conceito de valor se materializa na arquitetura do enunciado, orientando posições ideológicas e configurando o gênero “nota de repúdio” como arena de luta simbólica. A análise evidencia que tais documentos não se limitam à denúncia circunstancial, mas operam como atos discursivos

responsáveis, nos quais a ciência se afirma publicamente diante de tentativas de deslegitimação e silenciamento. Ao mobilizar verbos de interpelação, construir alianças institucionais e convocar a responsividade da sociedade civil, as notas reinscrevem a ciência como valor coletivo e bem público, produzindo resistência discursiva frente ao discurso hegemônico governamental. Os resultados demonstram, assim, que o gênero se constitui como prática ética e axiologicamente orientada, na qual a assinatura institucional marca um posicionamento responsivo e responsável, reafirmando a linguagem como espaço privilegiado de disputa, compromisso social e defesa da democracia.

Elis Angela Franco Ferreira Santos e Argus Romero Abreu de Moraes, no artigo *Afetos que ofendem: a polêmica em torno do beijo na HQ Vingadores na XIX Bienal do Livro do Rio de Janeiro*, analisam a controvérsia desencadeada pela representação de um beijo homoafetivo entre os personagens Wiccano e Hulkling na graphic novel *Vingadores: a cruzada das crianças*, durante a XIX Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, em 2019. A partir da Análise Dialógica da Argumentação (ADA), conforme proposta por Nascimento (2018), o artigo investiga tanto a polêmica interna, constitutiva da própria obra, quanto a polêmica externa instaurada pela tentativa de censura promovida pelo então prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella. A análise evidencia como a HQ se inscreve dialogicamente em uma trajetória histórica da Marvel marcada pela ampliação da representatividade de gênero e sexualidade, ao mesmo tempo em que ressignifica, por meio da memória argumentativa e do interdiscurso, o acontecimento histórico conhecido como A Cruzada das Crianças. No plano externo, o estudo demonstra como os discursos de Crivella mobilizam estratégias argumentativas orientadas à legitimação moral e política da censura, produzindo pânico moral ao confundir representatividade de gênero com incentivo à promiscuidade ou pornografia. Os resultados apontam que a Bienal do Livro se configura como arena discursiva privilegiada de disputa axiológica, na qual afetos, valores e ideologias entram em confronto, revelando a linguagem como espaço de embate simbólico, de resistência e de negociação dos sentidos no espaço público contemporâneo.

Em *“Festa Dionisíaca” ou “Santa Ceia”?: dialogismo polêmico multimodal, cultura, identidade e psicopolítica no contexto da abertura das Olimpíadas de Paris 2024*, Tarcísio Pereira Guedes, Priscila Santos Lopes e Rodrigo Seixas analisam a intensa polêmica desencadeada por uma cena da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Paris, interpretada por setores conservadores como uma paródia herética da Última Ceia cristã. A ancorados na Análise Dialógica da Argumentação Multimodal, os autores investigam como diferentes campos discursivos se constituem e se enfrentam a partir de materialidades diversas - encenação, imagem, redes sociais e jornalismo eletrônico - articulando linguagem, cultura, identidade e psicopolítica. A análise evidencia a construção de dois campos axiológicos em confronto: de um lado, a direita da identidade sagrada, mobilizada por um emocionalismo psicopolítico marcado pela ira e pela reação imediata; de outro, a esquerda da diferença profana, sustentada por um discurso racionalizante, universalista e

ancorado em valores de diversidade cultural e simbólica. Os resultados mostram que a polêmica não se reduz a um mal-entendido iconográfico, mas constitui uma arena dialógica na qual religião, política, estética e cultura se entrelaçam argumentativamente, revelando como imagens operam como dispositivos de poder e gatilhos de disputas ideológicas. O artigo reafirma a concepção bakhtiniana de que os diferentes mundos da experiência humana não são compartimentos estanques, mas dimensões indissociáveis da vida social, nas quais a linguagem, verbal e imagética, atua como espaço privilegiado de conflito, negociação e responsabilização ética.

Em *Pathos e ethos na mídia de opinião sobre a sexualização de atletas olímpicas*, Maria Isabel Fernandes Bezerra e Silvia Augusta de Barros Albert analisam um artigo de opinião publicado no portal UOL sobre a manifestação das ginastas alemãs contra a erotização dos uniformes nas Olimpíadas de Tóquio 2020. Ancorado na Análise Dialógica do Discurso e na tradição retórica, o estudo investiga como se constroem, no jornalismo opinativo, os efeitos de credibilidade (ethos) e de mobilização afetiva (pathos) na abordagem da sexualização de atletas femininas. O artigo situa o posicionamento das ginastas em um quadro histórico mais amplo de manifestações políticas no esporte olímpico, destacando sua relevância para a reconfiguração da Carta Olímpica e para o fortalecimento de vozes dissidentes frente às normativas do Comitê Olímpico Internacional. A análise evidencia que o artigo de opinião opera como resposta discursiva a debates já em circulação, incorporando vozes sociais diversas para tensionar estereótipos de feminilidade e denunciar a lógica midiática que transforma corpos de atletas em objetos de consumo simbólico. Ao articular dialogismo e retórica, o estudo demonstra que a construção do ethos do articulista e a evocação do pathos do leitor não se reduzem a estratégias persuasivas, mas se configuram como atos éticos e responsivos, orientados pela alteridade e pelo compromisso com a eudaimonia das atletas. Os resultados apontam para o potencial do jornalismo de opinião como espaço de resistência discursiva, capaz de reorientar crenças, afetos e valores no debate público sobre gênero, corpo e esporte.

Por sua vez, o artigo *O cronotopo e a construção argumentativa na transposição midiática de O ódio que você semeia*, de Laiza Luz Martins Sant'Ana e Jozanes de Assunção Nunes, analisa a transposição midiática de *O Ódio que Você Semeia (The Hate U Give)*, do livro para o cinema. Inspirada na morte de Oscar Grant em 2009, a história, tanto do livro, de autoria de Angie Thomas, quanto do filme dirigido por George Tillman Jr., acompanha Starr Carter, uma jovem negra que transita entre dois espaços-tempos contrastantes: o bairro periférico de Garden Heights e a escola de elite Williamson. O foco é compreender de que forma as articulações entre tempo e espaço na adaptação cinematográfica de *O Ódio que Você Semeia* operam como estratégias narrativas e discursivas, contribuindo para a construção de sentidos e o aprofundamento da crítica social presente na obra. Ao examinar os cronotopos predominantes, a análise propõe apresentar o papel na estruturação da argumentação e na mediação das tensões sociais que atravessam

a narrativa. O artigo, fundamentado na intermedialidade, transposição midiática e cronotopo bakhtiniano, demonstra como essas configurações espaço-temporais sustentam sentidos éticos e políticos, revelando desigualdades históricas e os efeitos do racismo estrutural. Os cronotopos, ao integrar vozes sociais e ideológicas, tornam-se operadores críticos da enunciação, memória e conflito, favorecendo uma leitura engajada do cinema.

Na sequência, em *Contribuições bakhtinianas para o estudo da afetividade no discurso*, Vivian Pinto Riolo tem como objetivo abordar as contribuições bakhtinianas nos estudos discursivo-argumentativos sobre a afetividade na linguagem. O objeto de análise é um *storytelling* publicitário da empresa **Natura**, extraído da campanha “Ocupe Seu Corpo: #VistaSuaPele”, em que se destaca como a confiança é discursivizada, considerando aspectos verbivocovisuais como elementos argumentativos. A escolha se justifica pela franca atuação da **Natura** no ramo de cosméticos na sociedade brasileira e por sua apresentação como empresa comprometida com o aspecto social. A metodologia sociológica bakhtiniana é acionada para evidenciar na verbivocovisualidade do discurso determinados padrões sociais e alguns valores que tocam as minorias. Dentre os efeitos discursivos que dialogicamente potencializam a noção de confiança, destaca-se o efeito de narrativa de vida resultante das marcas do falar-de-si. Assim, o aspecto emotivo-volitivo que recobre o enunciado demonstra o valor da confiança em diversos matizes: a confiança em si, no outro e na marca, aproximando os valores afetivos da clientela daquele projetado pelo publicitário.

Já Eduardo Alves da Silva, em *Vozes do Apocalipse: dialogismo, polifonia e integração conceptual no universo de Fallout*, analisa a franquia multimidiática *Fallout* - em seus jogos eletrônicos e na adaptação televisiva - como uma arena discursiva na qual a construção ficcional opera também como forma de argumentação cultural. Ancorado nas noções de dialogismo e polifonia de Bakhtin, em diálogo com os estudos de interdiscursividade e com a teoria da Integração Conceptual da Linguística Cognitiva, o artigo investiga como diferentes vozes sociais e ideológicas são reinscritas e postas em confronto no universo narrativo da franquia, produzindo efeitos argumentativos orientados à crítica social. A análise demonstra que *Fallout* mobiliza mesclagens conceituais que funcionam como procedimentos argumentativos implícitos, ao articular domínios socioculturais divergentes, como o patriotismo militarista, o consumismo corporativo, a tecnociência e a cultura de massa, em estruturas de sentido irônicas e paradoxais. Elementos recorrentes como a estética retrofuturista, a publicidade da Nuka Cola, a atuação do Enclave e a presença de signos infantis em cenários de devastação configuram uma argumentação narrativa que persuade não por enunciados explícitos, mas pela disposição polifônica dos discursos em conflito. Os resultados indicam que *Fallout* não apenas representa o apocalipse, mas argumenta sobre ele, convocando o jogador/espectador a tomar posição diante de valores, ideologias e memórias culturais reconfiguradas pela ficção. Nesse sentido, a franquia se afirma como um espaço de argumentação interdiscursiva, no

qual a experiência estética e interativa sustenta uma reflexão crítica sobre o presente por meio da encenação discursiva do fim do mundo.

Lucas Nascimento, em *Comunicação crucial: retórica dialógica aplicada à prática comunicativa*, propôs o conceito de Comunicação Crucial, definido como interações em que duas ou mais pessoas discutem temas sensíveis ou polêmicos, com perspectivas divergentes, interesses significativos e intensa carga emocional. Buscou responder quais elementos permitem definir um conceito capaz de integrar discurso, argumentação retórica e polêmica, fortalecendo a prática discursiva, e mostrando que a comunicação crucial não se restringe a técnicas de mediação, mas corresponde a uma prática discursiva situada, capaz de orientar interlocutores em contextos de tensão, relevância e emoção, promovendo negociações éticas de sentidos, valores e interpretações.

Em *Argumentação Colaborativa Multimodal, Multiletramento Engajado e Saúde Mental na Escola: Reflexões a partir do Projeto Brincadas*, de Milena Carmona, Victor Fernandes Fiorotti e Fernanda Coelho Liberali, discute como uma ação do Projeto Brincadas auxiliou estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de São Paulo a refletirem criticamente sobre questões da saúde mental. Os resultados da pesquisa indicaram que a argumentação colaborativa, com base em práticas dialógicas, favoreceu a superação de dores decorrentes das desigualdades ao integrar diversos recursos semióticos e permitir a criação de novos significados por meio do diálogo e do confronto de perspectivas.

Isabel Cristina Michelin de Azevedo, em *A leitura argumentativa em dimensão dialógica*, explorou a leitura argumentativa como um fenômeno interdisciplinar que integra perspectivas linguísticas, filosóficas, psicológicas e educacionais. da linguagem, pautadas pela Filosofia, Psicologia e Educação. Os resultados apontaram que a leitura argumentativa é um processo interacional no qual os indivíduos, por meio de relações dialógicas, exercitam a compreensão responsiva. Esse processo mobiliza múltiplas dimensões, incluindo a perceptual, sociocognitiva, emocional e simbólica. Como contribuição, o artigo apresenta esquemas e procedimentos que visam apoiar o desenvolvimento de práticas de leitura argumentativa em contextos escolares.

Na sequência, em *Assembleia deliberativa: uma análise dialógica do potencial pedagógico e argumentativo de uma proposta de um livro didático de Língua Portuguesa*, José Roberto Wolf Carvalho e Luciano Novaes Vidon analisam o potencial pedagógico e argumentativo do gênero discursivo "assembleia deliberativa", presente no livro didático *Multiversos: Língua Portuguesa* (Campos; Oda, 2020). Fundamentado no dialogismo do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2003; 2008; 2010; 2013; 2016; Volóchinov, 2013; 2018) e em uma perspectiva cultural sobre a argumentação defendida por autores como Plantin (2008), Grácio (2023) e Zarefsky (2009), o artigo explora como a prática argumentativa pode promover a formação de cidadãos críticos, reflexivos e participativos na vida pública, contribuindo, assim, ao desenvolvimento de uma cultura da argumentação. A metodologia baseia-se na análise qualitativa do material didático, com foco nas etapas de planejamento,

produção, revisão e avaliação da atividade. Os resultados apontam que a atividade não desenvolve apenas capacidades argumentativas previstas pela BNCC, como também incentiva a escuta ativa, a negociação de significados e o respeito à diversidade de ideias. A abordagem prática e colaborativa promove a vivência democrática, conectando o aprendizado escolar às práticas sociais. Por fim, conclui-se que o gênero discursivo "assembleia deliberativa" representa uma prática significativa para o ensino da argumentação, fortalecendo o diálogo e a convivência democrática, e sugere-se sua ampliação para diferentes contextos educacionais.

E, fechando a seção de artigos, Miriam Bauab Pozzo, em *Argumentação discursiva em microcontos: uma proposta de ensino*, apresenta os microcontos que são registros de síntese e de ausência de um desenvolvimento considerado clássico de acordo com a retórica aristotélica ou de acordo com as normas de produção textual. Tendo em vista esse aspecto, o objetivo deste artigo é discutir a argumentação sob a perspectiva discursiva. Para cumprir essa proposta foram selecionados alguns microcontos da obra *Os cem menores contos brasileiros do século XXI* (2004), organizada por Marcelino Freire: "A Bíblia (special features)" de Antonio Prata; "Duelos" de Flávio Carneiro; "Mas o Rio continua lindo" de Antônio Torres. Os exemplares selecionados são analisados considerando-os como gêneros discursivos com a possibilidade de reconstrução na produção de sentido, explicitando sua argumentação. A fragmentação estrutural convida o leitor a reconstruir a cena narrativa a partir de seus conhecimentos prévios e de seu lugar situado no contexto social. Assim, a multiplicidade de interpretação mobiliza os articuladores narrativos e argumentativos de cada leitor/enunciador/ escritor, colocando em funcionamento o processo discursivo dialógico na perspectiva teórico-metodológica da Análise Dialógica do Discurso (Bakhtin, 2016); Volóchinov (2017, 2019) e de autores que tratam da argumentação como Amossy (2005); (2011); Maingueneau (2006); (2008). Por serem textos breves e fragmentados possibilitam o trabalho em sala de aula, mobilizando a criatividade dos alunos pela reelaboração da narrativa com coesão e coerência, exercitando a língua viva, como propõe Bakhtin (2013).

Este número contou com uma grande quantidade de submissões e com uma competente equipe de pareceristas, o que permitiu oferecermos aos leitores da Revista (Con)Textos Linguísticos um trabalho de qualidade. Agradecemos a todos(as) os(as) colaboradores(as) envolvidos(as) neste trabalho, assim como a equipe editorial da revista (Con)Textos Linguísticos, que foi incansável nas tarefas essenciais de recepção dos artigos, apoiando o trabalho dos organizadores.

Fazemos votos que desfrutem de boas leituras!

Referências

- AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de et al. **Dez questões para o ensino de argumentação na Educação Básica**: fundamentos teórico-práticos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.
- AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de. Capacidades argumentativas de professores e estudantes da educação básica em discussão. In: PIRIS, Eduardo Lopes; OLÍMPIO-FERREIRA, Moisés (org.). **Discurso e argumentação em múltiplos enfoques**. Coimbra: Grácio Editor, 2016. p. 167-190.
- BAKHTIN, Mikhail; O discurso no romance. In: **Questões de literatura e de estética**. A teoria do romance. 3 ed. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et alii. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1993, pp.71-210.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. 4 ed. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006, pp.261-306.
- BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2016. p. 71-110.
- EMEDIATO, Wander; DAMASCENO-MORAIS, Rubens. L'analyse dialogique de l'argumentation: le cas des débats polémiques dans les médias sociaux. **Studii de lingvistică**, 9, nr. 1, 2019, 111-132.
- EMEDIATO, Wander. **Análise do discurso numa perspectiva enunciativa e pragmática**. Campinas: Pontes Editores, 2022.
- FIORIN, José Luiz. Argumentação e discurso. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 5370, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/DW57g9Vsv3PxcXrV7D3qXjm/?lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2025.
- FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2016.
- LEITÃO, S. Apontamentos sobre o diálogo Perelman-Bakhtin. In: LEMGRUBER, M. S.; OLIVEIRA, R. J. (org.). **Teoria da argumentação e educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.
- NASCIMENTO, Lucas, Silva. **Análise dialógica da argumentação**: a polêmica entre afetivossexuais reformistas e cristãos tradicionalistas no espaço político. (Tese de Doutorado). Salvador: Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, UFBA, 2018. 557f.
- NASCIMENTO, Lucas, Silva. Análise dialógica da argumentação polêmica: uma hipótese geral. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 1, pp. 151-169, 2019.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PISTORI, M. H. BANKS-LEITE, L. Argumentação e construção de conhecimento: uma abordagem bakhtiniana, em **Bakhtiniana**, v. 1, n. 4, p. 129-144, 2010.
- PISTORI, M. H. C. Mikhail Bakhtin e retórica: um diálogo possível e produtivo. **Revista Rétor**, 3 (1), pp. 60-85, 2013.

PISTORI, Maria Helena Cruz; BANKS-LEITE, Luci. Argumentação e construção de conhecimento: uma abordagem Bakhtiniana. **Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 129-144, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/Bakhtiniana/article/view/4305/2909>. Acesso em: 27 ago. 2025.

RIBEIRO, Maria Inês Batista Campos Noel; SATO MITSUNARI, Nathalia Akemi. A temática das fake news no ensino da argumentação. **Revista Odisseia**, v. 9, n. Especial, p. 64–85, 2024. DOI: 10.21680/1983-2435.2024v9nEspecialID34812. Disponível em: [Portal de Periódicos UFRN](#)

VIDON, L. N.. Dialogia, estilo e argumentação: alguns sinais In: **Estilo e gênero na aquisição da escrita**, ed.1º. Campinas, SP: Komedi, 2003, p. 73 - 101.

VIDON, L. N.. A permanência da dissertação escolar nos exames vestibulares: o caso do Enem In: **Discurso e argumentação**: fotografias interdisciplinares - vol. 2, ed.1. Coimbra, Portugal: Grácio Editor, 2018, v.2, p. 31 - 44

VIDON, LUCIANO NOVAES. Argumentação na BNCC: dos processos cognitivos aos campos de atuação social. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**. v.23, p.59 - 78, 2024.

VIDON, L. N.. Ato ético-responsável, palavra-viva e dialogismo: implicações ao ensino e a uma cultura da argumentação no Brasil. **Revista Conexão Letras**. v.19, p.01 - 16, 2024.

Vitória, ES, Dezembro de 2025.